

A existência efêmera à luz de Mimnermo de Cólofon

The Ephemeral Existence in Mimnermo from Colophon

Marco Antônio Lima da Silva

Marco Antônio Lima da Silva é Especialista em Estudos Clássicos pela Universidade de Brasília (UnB) pelo sistema de ensino a distância da Cátedra Unesco Archai. Bacharel e professor licenciado em Letras: Português-Grego pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É pesquisador e coordenador do curso de Grego Koiné (EAD) pela escola Bnei Roma.

Resumo

A elegia monódica grega do séc.VII a.C., surgida inicialmente como um canto litúrgico, acompanhado de instrumentos musicais em banquetes e funerais, era composta por dísticos elegíacos e tradicionalmente dividida pelo tema sobre o qual versava, a saber: moral, filosofia, guerra e amor. Canonicamente, a poesia elegíaca amorosa e hedonista tinha no flautista Mimnermo de Cólofon um de seus maiores representantes. Dentre os temas mais abordados pelo poeta, destaca-se, principalmente, a transitoriedade da vida, na qual se verifica que o proceder amoroso está intimamente ligado à flor da juventude, caracterizando-se, assim, um dos temas universais da literatura: o *carpe diem*. Objetiva-se, pois, no trabalho ora proposto, verificar como o poeta aborda, no Frag. 2 West, a efemeridade da vida e como esta engendra o amor.

Palavras-chave: Mimnermo, elegia, carpe diem, tradução, poesia

Abstract

The Greek elegy monodic of VII BC initially originated as a liturgical chant, accompanied by musical instruments at banquets and funerals. It was composed of elegiac distichs and traditionally divided by theme upon which dealt: moral, philosophy, war and love. Canonically, The flautist Mimnermo of Colophon was one of its greatest representatives of the loving, hedonistic elegiac poetry. Among the topics most discussed by poet, stands mainly the transience of life, in which it appears that the loving conduct is closely related to bloom of youth, characterizing therefore one of the universal themes of literature: the carpe diem. The objective of this study is to investigate how the poet expresses, in Frag. 2 West, the transience of life and how this engenders love.

Keywords: Mimnermo, elegy, carpe diem, translation, poetry

Introdução

O ideário guerreiro que, nos primórdios da civilização helênica, inspirou as epopeias de Homero retratava uma sociedade envolta em conflitos bélicos e centrada na figura de um rei (βασιλεύς). No VIII século a.C., Homero versou sobre a famosa batalha travada nos pórticos da impenetrável Tróia, da ira irrefreável de Aquiles, nos célebres episódios da *Ilíada*; também cantou o retorno do monarca de Ítaca, Ulisses, após perambular por mares bravios e perigos sem conta, na *Odisseia*. Estes heróis situados duas gerações antes da invasão dórica concedem, segundo Garlan (1991: 11), “uma imagem da aristocracia grega tal como se apresentava no final da ‘idade obscura’: são antes de tudo valentes guerreiros, iguais aos que se encontram, armados da cabeça aos pés, nos vasos geométricos da segunda metade do século VII”. Todavia o ideal heroico começa a perder sua força nas manifestações líricas da poesia helênica. Um pensamento centrado no sujeito,

no ideal mais humano, o φιλήδονος βίος, o prazer do amor: uma concepção não propriamente hedonística, como se disse [...], mas pessimista, não mais aristocrática, mas burguesa, expressão daquela incipiente crise dos valores heroicos que coincidiu, na segunda metade do século VII, com o surgimento e afirmação, na Jônia, da burguesia mercantil e com o colapso das cidades gregas na Ásia Menor sob a hegemonia dos lídios (GENTILLI apud ACHCAR 1994: 154).

É na Jônia, na primeira metade século VII a.C., que surge a elegia grega arcaica. A poesia elegíaca tem como principal característica estrutural sua métrica singular: o dístico elegíaco. Ela resguarda o hexâmetro dactílico e, por isso, como afirma Pessanha (1985: 91), “a elegia se revela herdeira da épica homérica e da poesia hesiódica, uma vez que metro e dialeto a aproximam da criação poética precedente”; mas também adota o pentâmetro dactílico. O hexâmetro dactílico consiste em um verso de seis pés, cada qual representando um

dáctilo que, por sua vez, diz respeito a cada sequência de três sílabas poéticas, a saber: a primeira longa e as seguintes breves. Este metro une-se ao pentâmetro, composto por cinco dáctilos ou pés, para compor assim pequenas estrofes de dois versos chamados dísticos elegíacos. Como os demais representantes da poesia arcaica grega (o iambo, a poesia mélica e a monódica), a elegia era dotada de um acompanhamento musical. Assim, no que concerne à estrutura e à apresentação do poema, tem-se uma lira formada por dísticos elegíacos compostos em dialeto jônico e musicalmente acompanhados pela flauta (αὐλός).

Quanto à temática desta poesia aulética, todavia, registra-se uma certa diversidade. O termo grego ἐλεγεία é um substantivo no gênero feminino proveniente do vocábulo ἔλεγχος que, segundo Chantraine (1968: 334), diz respeito ao “canto de luto que se fazia acompanhar de uma flauta”. Mesmo possuindo em sua origem o lamento fúnebre como principal assunto, a poesia elegíaca se reveste de tons vários: ora retrata o cotidiano da πόλις, ora o ideal guerreiro e político.

Mas é com Mimnermo que a elegia encontra seu tema mais humano: a fugacidade da vida e sua angustiante transitoriedade. Natural da cidade de Esmirna ou Cólofon, o poeta de fins do século VII a.C., provavelmente contemporâneo de Sólon, compôs um poema com traços mitológicos e históricos acerca da fundação de Esmirna, do qual restam pequenos fragmentos; e elegias de motivação amorosa reunidas na obra *Ναννώ*, objeto da paixão do poeta. Seus poemas foram compilados por Estobeu e expressam a efemeridade da vida e a fugacidade da juventude.

A fim de investigar a angústia da transitoriedade da vida humana na elegia de Mimnermo, propõe-se uma interpretação do segundo fragmento do legado lírico deste poeta arcaico.

Fragm. 2 West

ἡμεῖς δ' οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθεμος ὦρη
 ἔαρος, ὅτ' αἰψ' αὐγῆς αὖξεται ἠελίου
 τοῖς ἵκελοι πήχυιον ἐπὶ χρόνον ἄνθεσιν ἤβης
 τερπόμεθα, πρὸς θεῶν εἰδότες οὔτε κακὸν
 οὔτ' ἀγαθόν· Κῆρες δὲ παρεστήκασι μέλαιναί,
 ἢ μὲν ἔχουσα τέλος γήραος ἀργαλέου
 ἢ δ' ἑτέρη θανάτοιο· μίνυνθα δὲ γίνεται ἤβης
 καρπός, ὅσον τ' ἐπὶ γῆν κίδναται ἠέλιος.
 αὐτὰρ ἐπὶν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται ὦρης
 αὐτίκα δὴ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίος
 πολλὰ γὰρ ἐν θυμῷ κακὰ γίνεται· ἄλλοτε οἴκος
 τρυχοῦται, πενίης δ' ἔργ' ὀδυνηρὰ πέλει·
 ἄλλος δ' αὖ παιδῶν ἐπιδεδύεται, ὧν τε μάλιστα
 ἱμείρων κατὰ γῆς ἔρχεται εἰς Αἶδην·
 ἄλλος νοῦσον ἔχει θυμοφθόρον· οὐδέ τις ἐστὶν
 ἀνθρώπων ὧι Ζεὺς μὴ κακὰ πολλὰ διδοῖ.

E nós, quais as folhas faz brotar a florida estação

Da primavera, que célere cresce do brilho do sol,

*Assim por um curto espaço de tempo com as flores da
juventude nos alegamos, dos Deuses não conhecendo
nem o mal nem o bem.*

Mas as negras Queres estão unidas:

De um lado a que possui o termo da horrível velhice,

Do outro a da morte, e pouco dura da juventude

O fruto, quanto sobre a terra se espalha o sol.

Mas depois que é sobrepujado este termo da estação

De pronto melhor morrer que a vida.

Pois muitos males surgem no coração; muitas vezes a casa

Se arruína, da pobreza efeitos dolorosos sucedem;

*Então um outro sente falta dos filhos, e dos quais mais que
todos*

Desejam descendo da terra ir ao Hades;

Outro tem funesta doença; não há um

Dentre os homens, ao qual Zeus muitos males não dê.

O poema é dividido em oito dísticos. Exatamente ao se chegar à metade do poema, ele é marcado com um ponto final que, de certa maneira, separa a composição poética em duas partes. Na primeira identifica-se um símile e uma constatação explicada, por meio de exemplos, minuciosamente na segunda etapa da elegia.

O poeta principia seu poema com a seguinte comparação:

ἡμεῖς δ' οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθεμος ὦρη
 ἔαρος, ὅτ' αἰψ' αὐγῆς αὖξεται ἠελίου
 τοῖς ἵκελοι πήχυιον ἐπὶ χρόνον ἄνθεσιν ἤβης
 τερπόμεθα, πρὸς θεῶν εἰδότες οὔτε κακὸν
 οὔτ' ἀγαθόν·

E nós, quais as folhas faz brotar a florida estação

Da primavera, que célere cresce do brilho do sol,

*Assim por um curto espaço de tempo com as flores da
juventude Alegamo-nos, dos Deuses não conhecendo
nem o mal nem o bem.*

Observe-se o emprego enfático do pronome de primeira pessoa do plural (ἡμεῖς) no início do poema. Desta forma, Mimnermo une o eu-sujeito e o ouvinte, visto que tais poemas eram recitados, na categoria dos mortais, dos homens sujeitos à fatalidade da comparação que se segue. Primeiramente o poeta de Esmirna faz referência à dinâmica da primavera e sua origem representada pelo sintagma αὐγῆς ἠελίου (o brilho do sol), denotando que a mais florida estação nasce da luminosidade solar. O sol é, justamente, um efeito da natureza dileto para Mimnermo. Uma das referências mais conhecidas, o fragmento 12W do poeta, traz um dos relatos mais antigos acerca de Hélio, o sol e sua alada carruagem dourada.

O símile que equipara a dinâmica da existência humana à brevidade da vida das plantas encontra seus ecos mais antigos na *Ilíada*. No Canto VI, Homero narra que Diomedes, na ânsia pelo vigor de um bom embate de escudos no “pasto dos abutres” do campo de Ílion, ao se deparar com Glauco intui sua divindade. O valoroso chefe Aqueu então pergunta a origem de seu adversário, ao passo que Glauco responde:

οἶν περ φύλλων γενεῆ τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.
 φύλλα τὰ μὲν τ' ἄνομος χαμάδις χέει, ἄλλα δὲ θ' ὕλν
 τενλεθόωσα φύει, ἔαρος δ' ἐπιγίγνεται ὥρη·
 ὧς ἀνδρῶν γενεῆ ἢ μὲν φύει ἢ δ' ἀπολήγει.

As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores, que, uma, os ventos atiram ao solo, sem vida; outras, brotam na primavera, de novo, por toda a floresta viçosa.

Desaparecem ou nascem os homens da mesma maneira. (vv.146-9)¹

O diálogo dos dois guerreiros, todavia, gira em torno da excelência das famílias, as gerações (γενεή) e não há um espaço para o pensamento sobre a efemeridade da existência humana. Quando Diomedes interroga Glauco a respeito de sua origem, o debate discorre sobre seu nascimento e sua família e ele responde que nada é mais imutável e instável do que o esplendor e a nobreza da ascendência. Entretanto, ainda conforme Francisco Achcar (1994: 62), “o texto grego se presta ao sentido mais geral da transitoriedade de toda a vida humana”. Identifica-se novamente este símile no segundo canto da epopeia de Aquiles, no entanto com um sentido diferente: uma hipérbole que ressalta o grande número de heróis que saíam das naus para a batalha.

ἔσταν δ' ἐν λειμῶνι Σκαμνδρίῳ
 μυρῖοι, ὅσσα τε φύλλα καὶ ἄνθεα γίγνεται ὥρη

Nas veigas, pois, do Escamandro florido eles se acham, quais folhas primaverais, infinitas, flores que nascem vivazes. (vv. 467)

A comparação da breve passagem da época vernal com a época juvenil do homem encontra-se presente também em Semônides de Amorgos, visto que este faz uma referência ainda mais direta aos versos homéricos. O elegíaco e também iambógrafo do século VII a.C. ficou célebre por seu poema Sobre as Mulheres, no qual durante 118 versos satiriza o sexo feminino. O poeta nasceu em Samos e liderou os colonos da mesma no povoamento da ilha de Amorgos. Semônides, a exemplo de Mimnermo, faz uso do símile homérico, todavia só o poeta amorguino faz uma referência direta ao aedo da *Odisseia* de Ulisses.

Ἐν δὲ τὸ κάλλιστον Χίος ἔειπεν ἀνὴρ
 “οἷη περ φύλλων γενεῆ, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.”
 Παῦροι μὴν τνητῶν οὐασι δεξάμενοι
 στέρνοις ἐγκατέθεντο· πάρεστι γὰρ ἐλπίς ἐκάστῳ
 ἀνδρῶν, ἢ τε νέων στέθεσιν ἐμφύεται.
 Θνητῶν δ' ὄφρα τις ἄνθος ἔχεν πολυήρατον ἤβης,
 κοῦφον ἔχων θυμὸν πόλλ' ἀτέλεστα νοεῖ·
 οὔτε γὰρ ἐλπίδ' ἔχει γηρασέμεν οὔτε θανεῖσθαι
 οὔδ' ὑγιῆς ὅταν ᾗ, φροντίδ' ἔχει καμάτου.
 Νέπιοι, οἷς ταύτη κεῖται νόος, οὐ δὲ ἴσασιν,
 ὧς χρόνος ἔσθ' ἤβης καὶ βίτου ὀλίγο
 θνητοῖσ'. Ἄλλὰ σὺ ταῦτα μαθῶν βίτου ποτὶ τέρμα
 ψυχῆ τῶν ἀγατῶν τλήθι χαριζόμενος.

O que de mais belo proclamou o poeta de Quios, - “os homens passam como as folhas tombam” – rouquíssimos mortais, ouvindo-o, registram em seu íntimo.

Agita-os a esperança. Sempre viçosa em corações juvenis. Ao mortal que ainda frui a amável flor da mocidade, muitos sonhos Impossíveis, o ardor impetuoso os alimenta.

Não lhe passa pela mente que um dia há de morrer,

Ou será velho, nem, enquanto tem saúde, preocupa-o a doença. Todos os que assim pensam, pois nem percebem Quão breve é o tempo da juventude e curta a vida.

Mas tu, que tais coisas conheces, faz com que tua alma

Floresça em virtudes, alegrando-te com o termo do viver.²

A alusão direta à epopeia do embate troiano é revelada logo no primeiro dístico. O homem ou poeta de Quios é o nobre Homero. A seguir tem-se a citação que permeará todo o poema: “os homens passam como as folhas tombam”. Semônides também faz uso do metro do mestre da épica, o hexâmetro dactílico, adota a elegia, e não o iambo, para falar da efemeridade da vida mortal. Consoante Pagoto e Carvalho (2007: 231), é neste poema “que a

¹As traduções das *Ilíada* apresentadas neste artigo são de autoria de Carlos Alberto Nunes.

²Tradução de Parreiras Horta in Calíope (1985, p.58)

brevidade da vida se associa à exortação hedonista”. O *tópos* da transitoriedade da existência presente no cotejo homérico é, todavia, diverso do sentido que o poeta amorguino quer transparecer em sua elegia. Enquanto em Semônides a efemeridade serve de premissa ou justificativa ao hedonismo, “[...] em Homero, a constatação da brevidade e instabilidade da vida não leva à conclusão de que os homens devam dedicar-se aos prazeres possíveis – para Aquiles, à consciência de que sua vida será breve impõe a busca da glória, da τιμή” (ACHCAR 1994: 66).

Assim explicado o símile que marca o início do poema de Mimnermo, o poeta prossegue fazendo uma advertência: os Deuses não estão omissos no tocante à prazerosa época juvenil como se infere da forma *τερπόμεθα*, proveniente do verbo *τέρπομαι*, que remete à realização plena dos desejos. Este prazer absoluto (*τερπνός*) distinto de *ἡδονή* que, segundo Chantraine (1990: 1108), tem um sentido mais generalizante do *comprazer*, é repleto de felicidade, pois o mal e o bem passam despercebidos, não são vistos e, por conseguinte, não são conhecidos (*εἰδότες*) pelo homem. Por isso, os jovens alegram-se com a “flor da juventude” (*ἦβης ἄνθος*) que tão rápida passa. Segundo Achcar (1994: 69-70), em Mimnermo, *ἦβης ἄνθος* “evoca a desejável estação do amor”, diferentemente de Homero, que primordialmente faz uso desta imagem para caracterizar a agressividade e excelência física de Enéias no XIII canto da *Ilíada*.

Contudo, os olímpicos, diferentemente dos seres humanos, não estão alheios à tensão benevolência/maldade que rege a vida. As Queres estão atentas à brevidade da idade das flores e a velhice e a morte caminham lado a lado. E, assim, a juventude é transitória e não pode se espriar ao sabor do sol. Percebe-se uma tensão entre as trevas representadas pelas *negras Queres* (*Κῆρες μέλαιναί*), portadoras da velhice e da morte, e o sol (*ἠέλιος*) que dissemina a vida. Pode-se imaginar ainda a luminosidade do astro-rei que se esparge pelo mundo, que a tudo anima, mas que, ao final de sua viagem celeste; a noite negra e funesta há de vir; a negritude das Queres irmãs que tingem todos os mortais de senilidade e morte. Segundo Pessanha

(1993: 36) existe uma relação afetuosa entre a luminosidade e a realização plena dos prazeres:

Insiste Mimnermo, ainda, na inexistência de todo o prazer no decorrer da velhice, ao afirmar que o homem não pode encontrar refúgio para seus males na contemplação dos raios do sol, visto que, sendo luminosidade e, portanto, beleza, se associa, numa relação íntima, à áurea Afrodite e à encantadora Hebe.

A associação entre o pleno realizar dos desejos e a luminosidade da deusa do amor está presente na tríade prazer (*τερπόν*), vida (*βίος*) e Afrodite (*Ἀφροδίτης*) que marca a interrogação inicial de outra elegia de Mimnermo presente no fragmento 1W.

Τίς δὲ βίος, τί δὲ τερπὸν ἄτερ χρυσηῆς Ἀφροδίτης;

Que vida, que prazer, sem a áurea Afrodite?³

Em Homero, a Deusa do Amor recebe o epíteto de “dourada” (*χρυσῆς*) como é possível identificar no colóquio entre Paris e Heitor no canto III da *Ilíada*. O amante de Helena é repreendido por usufruir em tempos de guerra dos “dons amáveis da áurea Afrodite”. Fontes (1991: 140) afirma que:

Afrodite é a deusa do trono cintilante, fulgurante, furta-cor: poihilóthron, palavra, adverte Denys Page, incomum na literatura grega, onde existe poikilóphron (“astucioso”), e onde geralmente se atribuem à deusa do amor epítetos de outro tipo: dos cabelos de ouro, coroada de ouro, Kyprogenés.

Assim, infere-se do *Fragm. 2 West* que aproveitar, desfrutar do brilho do sol, é viver com prazer, é ser capaz reconhecer as bênçãos de Afrodite Dourada. Contudo, somente é luminosa a época juvenil. Tal qual as plantas que se regozijam ao calor do sol primaveril, que célere passa, também a juventude se esvai. As deusas do destino estão às espreitas com a negrura, a falta do prazer, a ausência do bom viver. Elas possuem o *τέλος*, o *fim*, o *termo* da realização integral da vida: a velhice e a morte.

É importante salientar, ainda, o jogo de palavras que o poeta de Esmirna faz com os vocábulos *ἠέλιος* (sol), *ἦβης* (juventude) e *ῶρης* (tempo, do ano ou da vida) nos versos 1-3 e 7-9 que realça a expressividade e enfatiza estes termos. Segundo Bruno Gentili (*apud* ACHCAR 1994: 151), isto se dá “numa estrutura mais complexa no dado descritivo, com variações tímbricas que acentuam a evocação nostálgica da

³Tradução de Nely M. Pessanha (1993: 33)

idade do amor”. Além da sonoridade, registra-se, também nesta repetição, o recurso estilístico que recupera o texto no momento da declamação, como uma “espécie de refrão” que realça a antítese juventude/velhice.

A segunda metade do texto é marcada pelas consequências da privação destes dias de primavera da juventude mortal.

*αὐτὰρ ἐπὴν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται ὄρης
αὐτίκα δὴ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίωτος
πολλὰ γὰρ ἐν θυμῷ κακὰ γίνεται· ἄλλοτε οἶκος
τρυχοῦται, πενίης δ’ ἔργ’ ὀδυνηρὰ πέλει·
ἄλλος δ’ αὖ παιδῶν ἐπιδεύεται, ὧν τε μάλιστα
ἱμείρων κατὰ γῆς ἔρχεται εἰς Αἶδην·
ἄλλος νοῦσον ἔχει θυμοφθόρον· οὐδέ τις ἐστὶν
ἀνθρώπων ὧι Ζεὺς μὴ κακὰ πολλὰ διδοῖ.*

Mas depois que é sobrepujado este termo da estação

De pronto melhor morrer que a vida.

Pois muitos males surgem no coração; muitas vezes a casa

Se arruína, da pobreza efeitos dolorosos sucedem;

Então um outro sente falta dos filhos, e dos quais mais que todos

Desejam descendo da terra ir ao Hades;

Outro tem funesta doença; não há um

Dentre os homens, ao qual Zeus muitos males não dê.

A conjunção αὐτὰρ marca o princípio da última parte do poema. Segundo Muracho (2003: 631), esta conjunção denota uma simples transição ou uma oposição fraca dos fatos. Soma-se a αὐτὰρ outra conjunção (ἐπὴν), que também marca uma transitoriedade do tempo, uma sucessão de acontecimentos. Com o transcórre do tempo, novamente o τέλος da estação juvenil, o fim completo da primavera dos homens, a ausência do sol sobrevém à única opção possível para o poeta: a morte. A tríade vida (βίος), prazer (τερπόν) e Afrodite (Ἀφροδίτη) não acompanha a velhice. Platão, célebre filósofo do V a.C., fornece uma

explicação do porquê de os velhos não poderem gozar da luz dourada da deusa do amor e desta forma aproveitar o viver. No *Banquete*, o filósofo narra o colóquio dos convivas acerca do Amor que ocorreu em casa de Agatão. Antes da fala socrática, na qual Platão expõe o impulso erótico que leva o homem a contemplar o Bem em si, Agatão, o anfitrião, constata em seu discurso:

*Primeiramente, é o mais jovem dos deuses, ó Fedro. E uma grande prova do que digo ele (o Amor) próprio fornece, quando em fuga foge da velhice, que é rápida evidentemente, e que em todo caso, mas rápida do que devia, para nós se encaminha. [...] Com os jovens ele está sempre em seu convívio e ao seu lado [...]”*⁴

A constatação τεθνάναι βέλτιον ἢ βίωτος (morrer melhor que a vida), existência desprovida de prazer advindo da áurea Afrodite, é uma negação da velhice e suas consequências. Observa-se que o poeta se limita a lastimar a efemeridade da vida e a precariedade da existência, insistindo sempre no horror da velhice com um *pathos* nada homérico, de angústia e resignação. Mimnermo apresenta os motivos pelos quais a senilidade é depreciada: os muitos males que vem a assolar o Θυμός. Tal vocábulo, na concepção de Chantraine (1990: 446), tem o significado de “alma, coração” mas, que é diferente de ψυχή que se relaciona à alma dos mortos; por outro lado, Θυμός diz respeito ao “ardor ou coragem, sentimentos ligados à cólera” no contexto homérico. É no épico que esta palavra apresenta uma ideia de movimento, pois é o Θυμός que impele o herói à ação. Assim, segundo Bruno Snell (1951: 39-41), em Homero, ψυχή é o sopro vital que anima e abandona o corpo na hora da morte, enquanto Θυμός indica a sede de afetividade e o “órgão do movimento”, que se extingue com o corpo. Desta forma, em Mimnermo, os males que afetam o Θυμός afetam o ímpeto do homem, deixam-no inerte, sem o agir do coração.

O poeta de Esmirna, por conseguinte, começa a exemplificar os infortúnios que sucedem ao Θυμός. O primeiro exemplo é a deterioração do οἶκος. Conforme Mossé (2004: 213) é possível defini-lo como: “termo antigo, encontrado desde os poemas homéricos, que designa o domínio aristocrático, ou

⁴Tradução de José Américo Motta Pessanha (1983: 27).

seja, ao mesmo tempo as terras, a casa e todos aqueles que, de um modo ou de outro, fazem parte deste domínio: parentes, servos, escravos...”. Então não é simplesmente uma “casa” que se arruína, mas toda uma vida doméstica que cerca aqueles que testemunham o fim da juventude.

Outro efeito da velhice é aquele que provém da pobreza, da indigência: são as obras dolorosas (ἔργ’ ὀδυνηρά). O adjetivo ὀδυνηρός, segundo Pessanha (1985: 96), “cujo sentido primeiro é o ‘que provoca uma dor’, deriva-se do substantivo ὀδύνη (odyne), ‘dor’, não somente física, mas moral”. Infere-se esta dupla significação que revela que os danos e os efeitos da velhice não só alcançam fisicamente o homem, mas também afetam sua integridade moral.

O próximo mal que assoma os idosos é a privação dos filhos e, por não tê-los, desejam a morte. Identifica-se a expressão do desejo no particípio presente *ἰμείρων*, proveniente de *ἰμείροεις* que significa, exatamente, “aquilo que faz nascer ou provoca desejo”. Segundo Fontes (1991: 144), o *Crátilo* (420ab), diálogo platônico do V a.C., propõe que “existiria, na palavra desejo (ἴμερος), um núcleo de significação indicando ‘força vital’, ‘energia’, ‘ímpeto de atração’”. Então, este desejo de descer ao reino das trevas, consequência intensamente desejada por aqueles desprovidos de sua prole, é um desejo vital de buscar a morte. Ir ao Hades é jazer na escuridão e novamente é na velhice que reside a impossibilidade de vislumbrar o sol, pois sendo a senilidade uma tenebrosa noite que anda lado a lado com a morte (as Queres unidas estão unidas!), é preferível perecer.

O último efeito maléfico que assoma o coração (Θυμός) dos que viram desvanecer a florida estação da juventude é νοῦσον θυμοφθόρον. O significado deste sintagma também versará sobre a morte. A doença funesta será aquela que naturalmente “destrói a vida” θυμοφθόρος tem em sua raiz o Θυμός. Não é qualquer doença, é aquela que afeta e destrói o “ímpeto do coração”. Pode-se imaginar uma gradação de males que acabam por fulminar a vida humana. Primeiro o fim da vida doméstica, da casa, bens e terra; seguem-se os efeitos dolorosos da indigência, a perda de tudo; posteriormente a prole abandona seus genitores deixando com o desejo da morte; por último a doença funesta que acaba por destruir o coração, o Θυμός.

Por fim, Mimnermo faz uma constatação: “não há um dentre os homens, ao qual Zeus muitos males não dê”. No que concerne a esta afirmação, há de se salientar, novamente, o uso estilístico da repetição. A saber no verso 11 para falar dos “muitos males” que afetam o coração, o poeta utiliza-se do sintagma κακά πολλά. No último verso do poema, Mimnermo faz uso, também, de κακά πολλά, como se desta forma ele explicasse a origem destes males: o filho de Cronos, Zeus.

Assim, Mimnermo no frag. 2W, ao comparar a juventude com a época luminosa da primavera, ressalta como o tempo é fugaz. A busca dos prazeres só é possível quando o homem pode aproveitar brilho do sol da época juvenil. Para isso, ao apresentar os efeitos devastadores da negra velhice, a busca da morte, promove a valorização deste tempo efêmero. De certa forma aconselha os mortais que ouvem seu canto a desfrutar do ímpeto de seus corações antes que a noite negra de velhice e a morte assolem sua casa.

Mimnermo, assim, convida o ouvinte a aproveitar o sol, a colher o dia: Carpe Diem!

Referências bibliográficas

Fontes primárias

ACHCAR, Francisco. *Lírica e Lugar-comum*. Alguns temas de Horácio e sua presença em português. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. pp. 59-70, 1994.

CUNHA, Alice da Silva (org.). *Antologia de Poetas Gregos e Latinos*. Faculdade de Letras UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

FONTES, Joaquim Brasil. *Eros tecelão de mitos*. A poesia de Safo de Lesbos. Estação Liberdade, São Paulo. pp. 131-171, 1991.

GARLAN, Yvon. *Guerra e Economia na Grécia Antiga*. Tradução de Cláudio César Santoro. Papyrus, Campinas. pp. 9-22, 1991.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Ediouro, São Paulo. 2ª ed, 2002.

HORTA, Guida N. B. P. A vida passa como as folhas das árvores... – Semônides de Amorgos. In *Calíope – Presença Clássica*. Faculdade de Letras UFRJ, Rio de Janeiro. Janeiro/junho, ano II, Nº 2, p. 58, 1985.

PAGOTO, Cristian; CARVALHO, Aécio Flávio de. O Carpe Diem Horaciano na Poesia de Adélia Parado. In *CELLI – Colóquio de Estudos Lingüísticos e Literário*. 3, 2007, Maringá. Maringá, Anais... pp. 230-239, 2009.

PESSANHA, Nely M.. A elegia grega arcaica. *Calíope - Presença Clássica*. Faculdade de Letras UFRJ, Rio de Janeiro. Junho/Dezembro, ano II. pp. 91-96, 1985.

_____. Mimnermo e os Dons de Hebe e Afrodite. In *Calíope – Presença Clássica*. Faculdade de Letras UFRJ, Rio de Janeiro. pp. 91-96, 1993.

PLATÃO. *Diálogos/Platão*. Tradução de José Américo Motta Pessanha. 2ª ed. Abril Cultural: São Paulo, 1983.

SNELL, Bruno. *La cultura greca e le origini del pensiero europeo*. Einaudi, Torino, 1951.

Fontes secundárias

BAILLY, A (1950). *Dictionnaire grec-français*. Editado e revisado por L. Séchan e Pierre Chantraine. Hachette, Paris.

CHANTRAINE, P. (1990). *Dictionnaire etimologique de la grecque – Histoire des mots*. Klincksieck, Paris. 2V.

MOSSÉ, Claude (2004). *Dicionário da Civilização Grega*. Tradução de Carlos Ramalhete. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.